

## **O Desafio do Ensino de Rádio no Interior do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>**

Vera Lucia Spacil RADDATZ<sup>2</sup>

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

### **Resumo**

Este texto enfoca o ensino de rádio na universidade, analisando o papel do rádio no interior e as habilidades que os profissionais do veículo precisam desenvolver hoje, na perspectiva de um rádio expandido. A reflexão parte das experiências com o ensino de radiojornalismo e produção de áudio no curso de Jornalismo de uma universidade do noroeste gaúcho e fundamenta-se em pesquisas de autores como Paulo Freire, Kaplún, Meditsch, Ferraretto e Kischinhevsky. O ensino de rádio no interior considera a realidade do rádio local e as novas formas de linguagem em tempos de rádio expandido, tendo como perspectiva uma formação humana e crítica.

**Palavras-chave:** educação; produção; radiojornalismo; rádio local.

### **Considerações Iniciais**

O ano é 2017 e quando a turma de Radiojornalismo I é recebida pela professora, a primeira pergunta que ela faz é para saber quem, daquela turma, ouve rádio. A resposta positiva vem de cinco alunos dos 17 presentes. Um deles é deficiente visual e, portanto, seu principal sentido é a audição. Diz-se um apaixonado pelo rádio, e especialmente pela Voz do Brasil e todas as suas referências de notícias e exemplos ilustrativos reportam ao programa. Três dos cinco alunos já trabalham em rádio e outra é bolsista de um projeto radioeducativo.

Apesar de concordarem com o fato de que o rádio é muito importante nos municípios em que residem, não são ouvintes assíduos, apenas esporádicos. O que isso mostra é que a maioria dos alunos de jornalismo que chega a esta universidade não ouve rádio e a justificativa para tal é que as informações de que precisam estão na internet, por ser muito mais fácil e atraente. Mas o rádio está na internet, então, qual seria a dificuldade? Valeria responder a esta pergunta com uma pesquisa amparada nos estudos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017.

<sup>2</sup> Profª do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Direitos Humanos da UNIJUI; email: [verar@unijui.edu.br](mailto:verar@unijui.edu.br)

de recepção, e aproveito para dizer que há uma carência nos estudos de recepção em rádio. Acredito que os pesquisadores de rádio vivem um momento propício para pensar um pouco menos na produção radiofônica para investir mais no conhecimento sobre o que o público espera do rádio. Conhecer melhor esse ouvinte, especialmente o jovem, é uma aposta. O meio está vivo e se adaptando no ritmo das mudanças tecnológicas, mas necessita encontrar uma forma de continuar fortalecendo o laço com o público, especialmente o mais jovem.

Dito isto, este texto se propõe a refletir sobre o papel do ensino de rádio na universidade, a partir da experiência com as disciplinas voltadas para rádio do curso de jornalismo da Unijuí, no noroeste gaúcho, onde atuo desde 2001. Foram reunidas aqui algumas das principais inquietações que circundam a sala de aula em que se processa o ensino de rádio, recaindo o foco, portanto, sobre o conteúdo, as metodologias e alguns questionamentos sobre o contexto em que se insere o rádio, sem a pretensão de esgotar o assunto ou abordar o tema de forma conclusiva.

Uma das questões que me preocupam constantemente são as práticas metodológicas, considerando que se tem em sala de aula um jovem inquieto, ansioso e sempre em busca de novidades. Como tornar uma aula atraente para um estudante dinâmico e que está sempre conectado, em busca de algo que faça sentido para ele e para a sua vida acadêmica e profissional? As práticas devem propiciar não apenas o ensino das técnicas, mas principalmente a crítica sobre elas, procurando vislumbrar o produto dentro de um contexto de rádio no interior – a nossa realidade aqui no noroeste gaúcho – mas que ao mesmo tempo prepare estes alunos para compreender todos os processos a fim de torná-los aptos a atuarem profissionalmente em tipo ou segmento de rádio.

## **O universo do rádio e as primeiras lições**

Muitos sonhos profissionais povoam a mente dos alunos que chegam à universidade. Os de jornalismo, em boa parte no início, enxergam-se entre câmeras, em uma bancada, na redação de um grande jornal e bem poucos em um estúdio de rádio. Mas uma situação antagônica também ocorre, pois alguns deles trabalham na mídia regional, especialmente em pequenos jornais e emissoras locais. Constata-se que quando ingressam nas disciplinas de rádio passam a ter outro olhar sobre o universo

radiofônico. É como se antes lhes faltasse o despertar, o toque da sineta que estimula o ouvido não só a escutar as vozes do rádio, mas a perceber os sons ao seu redor.

Os sons não respondem apenas à função da audição. Eles atendem também aos apelos da sensibilidade, do conjunto de sensações que despertam em cada um e que fazem aflorar sentimentos e provocar emoções. Imagine um filme sem trilha ou efeitos sonoros, que vazio seria! No mundo das imagens, “o olho sozinho dá uma imagem bastante completa do mundo” (Arnheim, 2005, p. 62) e ainda assim, o sonoro tem lugar insubstituível, porque é o responsável pela ambientação emocional da cena. No universo dos sons, eles falam mais por si mesmos e têm o poder de criar imagens. Porém, “o ouvido sozinho fornece uma imagem incompleta. Portanto, torna-se uma grande tentação para o ouvinte completar com sua própria imaginação o que está faltando tão claramente na transmissão radiofônica” (Arnheim, 2005, p. 62) e dessa forma recriar a realidade. Entretanto, pondera Arnheim (2005), “não falta nada à transmissão radiofônica” (p.62), pois ela fornece a totalidade de uma ideia, ou seja, uma representação: “E todo essencial está lá – e neste sentido um bom programa de rádio é completo” (p. 62) e nenhum ouvinte, segundo o autor, precisaria ser inspirado a complementar “a falta de imagem adicionando vida ou realismo” (p. 62). E assim, a principal qualidade do profissional de rádio deveria ser a “capacidade de produzir o efeito desejado apenas com os elementos sonoros” (p.62).

No entanto, Kischinhevsky (2016) ao se referir às novas linguagens, formas de interação e comunicação pelo rádio, explica que não são apenas os elementos sonoros que constituem a nova concepção do rádio, mas também os “*elementos parassonoros*, ou seja, fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações dos sites de emissoras, toda a *arquitetura de interação* (...), textos, hiperlinks, perfis de estações ou de comunicadores (...) Tudo isso é rádio – *ou radiofonia*” (p. 32-33).

Arnheim (2005) se refere em seu texto, principalmente à arte radiofônica e à produção de obras de radiodrama. O autor aponta para a *cegueira do rádio* e para a importância de fazer deste meio de comunicação um mecanismo que prioriza o audível, colocando a visualidade numa posição secundária. Desse ponto de vista, o profissional de rádio precisaria dominar as ferramentas da linguagem radiofônica para poder explorar com técnica e criatividade uma ideia, ou seja, utilizar com maestria os elementos da linguagem sonora: a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. E isso não é simples na prática do rádio, que normalmente se restringe à música e à voz, mas

que por si só, também produzem sentido. Já Kischinhevsky (2016) fala de um rádio que, embora seja predominantemente sonoro, “não se descaracteriza pela incorporação de elementos textuais ou visuais. A radiofonia prescinde de hipertextos ou imagens para ser apreendida pela audiência” (p. 33).

Executar como essa produção se processa até o produto final, chegando ao nível da especialidade ou excelência, pode levar mais tempo do que o período dedicado às disciplinas de rádio na faculdade. Muito mais do que contribuir para compreender a linguagem do rádio e manejar os mecanismos das práticas radiofônicas, essas disciplinas precisam ser pensadas de tal forma que fomentem a compreensão crítica dos processos de comunicação radiofônica, dentro de um contexto que não é apenas sonoro, mas *expandido*, inclusive para além do universo das conexões.

Uma das habilidades essenciais no rádio é a fala clara e coerente. Os alunos sofrem o primeiro choque quando descobrem que falar no rádio dá trabalho, exige preparação, pesquisa, produção e edição. Para cada minuto de fala, vários outros minutos são necessários no processo anterior. O minuto é cheio e tem que ter o que dizer, pois conteúdo é mais importante do que uma bela voz e qualquer fala no estilo *enrolation*<sup>3</sup> não seguraria o dial por mais do que alguns instantes. Kaplún (1985) firma a posição de que o comunicador radiofônico não tem a função de transmitir as suas ideias ou de o rádio ser um mero transmissor. Ele acredita que o papel do comunicador é o “de recoger las experiencias de la comunidad, seleccionarlás, ordenarlás y organizarlás y, así estructuradas, devolverlas a los destinatarios, de tal modo que éstos puedan hacerlas conscientes, analizarlas y reflexionarlas<sup>4</sup>” (Kaplún, 1985, p. 101).

Nas aulas de rádio, aprender a usar a voz ao microfone é uma das primeiras coisas que os alunos querem fazer, porém, antes disso, cabe muito bem o exercício da tomada de consciência da própria voz, procurando conhecer-se e reconhecer que tipo de voz cada um tem e como ela se comporta quando é reproduzida no digital ou eletronicamente. Para alguns, é muito difícil ouvir a própria voz sem escapar de adjetivações negativas, mas na verdade, percebo que talvez nunca tenham se ouvido antes com aquela consciência de que estariam se ouvindo com o objetivo de usar a voz intencionalmente.

---

<sup>3</sup> Expressão popular aplicada com o mesmo sentido de *encher linguiça* ou de *enrolação*, ou seja, ficar enrolando e não dizer nada de fundamento.

<sup>4</sup> Tradução livre: “de recoger las experiencias de la comunidad, seleccioná-las, clasificá-las e organizá-las e, assim estruturadas, devolvê-las aos destinatários, de modo que eles possam fazer isso de modo consciente, analisar e refletir sobre isso. ”

Ouvir conscientemente não só a si mesmo, mas na conexão com o todo é um exercício importante para que se estabeleça a *cultura do ouvir*<sup>5</sup> mais ampla, de modo que “ouvir as coisas e ouvir o outro –, nos possibilitem trânsitos também sonoros nos interstícios da vida cotidiana e dos diferentes artefatos ou meios de comunicação” (Menezes, 2012, p.28). O autor, ao pensar sobre a *cultura do ouvir*, o faz numa perspectiva interacional com os outros sentidos, inspirado em Baitello Jr. (2005, p.106): “O ouvir, mais vinculado ao universo do sentir, da paixão, do passivo, do receber e do aceitar. O ver, mais associado ao universo da ação, do fazer, da atividade, do atuar, do agir e do poder”.

Portanto, ouvir exige do comunicador de rádio uma predisposição para a abertura, para as percepções e até mesmo para enxergar o que o circunda e deixar-se envolver pelo que está vendo. Relacionando este aspecto com o pensamento de Kaplún (1985), esses trânsitos são importantes para facilitar e efetivar as relações do comunicador de rádio com a comunidade, a fim de que ele consiga compreender melhor o lugar de onde retira a matéria prima para as suas falas, de modo que quando as devolver ao mesmo lugar ou difundir a outros, esta mesma comunidade possa identificar-se e sentir-se parte dessa comunicação.

Um dos traços da comunicação radiofônica do interior, tendo como parâmetro o noroeste gaúcho, é o grau de afinidade com o seu público imediato, na perspectiva de construir pontes e identidades. E este rádio precisa representar seu universo de ouvintes nas suas questões e necessidades mais imediatas, exercendo o papel de um porta-voz, ou seja, sendo um mediador das informações e da comunidade, aproximando-se da perspectiva de Kaplún (1985) e também de um rádio mais local-regional, ou seja, que dê conta de veicular e debater os temas que dizem respeito ao cotidiano dos municípios.

Este perfil do rádio da região é verificado nos relatórios de pesquisa (2010, 2012, 2015) que fazem parte do acervo do Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio<sup>6</sup>, desenvolvido no noroeste gaúcho. Os relatórios acentuam a presença e a importância da mídia radiofônica como um instrumento muito importante

---

<sup>5</sup> O termo *cultura do ouvir*, segundo Menezes (2012, p. 30) foi o tema de uma palestra no Seminário Arte da Escuta, realizada por Norval Baitello Jr. na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1997.

<sup>6</sup> O Projeto Fronteiras; a identidade fronteiriça nas ondas do rádio é um projeto de pesquisa do curso de Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí - que busca resgatar a memória do rádio nos municípios da Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do RS, num universo de 31 municípios.

na elaboração do imaginário e na representação das relações que ocorrem nesses territórios, articulando questões de interesse dos habitantes, reproduzindo as falas dos moradores e das instituições da região, ligando referenciais, e difundindo a cultura do lugar por meio da música, da língua e dos costumes. Portanto, o rádio do interior gaúcho dá voz aos sujeitos locais e contribui para a formação de suas identidades.

Estas constatações do Projeto Fronteiras também aparecem nos depoimentos dos alunos de jornalismo da Unijuí que trabalham nas rádios da região e socializam suas experiências e rotinas em sala de aula durante as disciplinas de rádio, por ocasião do desenvolvimento dos conteúdos. Uma das questões que mais se evidencia nestas explicações em aula é o fato de que mesmo com poucos profissionais e recursos técnicos, as rádios mantêm seu foco no dia a dia dos municípios e preocupam-se principalmente em cobrir pautas relacionadas à política, à economia, à saúde e à educação no âmbito local, o que também se observa nos resultados da pesquisa do Projeto Fronteiras.

Diante de todas essas questões, como professora de rádio, sempre me pergunto o que seria mais importante trabalhar em aula com esses alunos, tendo em vista que a maior parte dos egressos desta Universidade permanece na região depois que se forma. Angustia-me também sobre a maneira de como contemplar as expectativas daqueles que alçam outros voos para mais longe, atendendo ao ritmo de um mercado altamente exigente e competitivo como é o do jornalismo.

### **Experiências com o ensino de rádio na Unijuí**

De 2000 até o momento, foram trabalhadas as disciplinas de Radiojornalismo I, Radiojornalismo II e Radiojornalismo III até o ano de 2010, quando após a revisão curricular, o ensino de rádio passou a ser foco de quatro componentes, tendo em vista a Ênfase em Multimídia. Assim, de 2010 a 2016 o ensino de rádio no curso de Jornalismo da Unijuí se constituiu pelas disciplinas de Radiojornalismo I, Radiojornalismo II, Produção de Áudio I e Produção de Áudio II. Estas duas últimas foram criadas com o objetivo de trabalhar a temática da Ênfase para cada semestre e vislumbrar o trabalho com o áudio, com foco no rádio, dentro das plataformas digitais.

Em 2016, a nova versão curricular mexeu novamente na grade para se adequar as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo e ao mesmo

tempo contemplar as estratégias do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação – DACEC - onde está adscrito o Curso de Jornalismo da Unijuí, e que trabalha com foco no empreendedorismo, na gestão e na inovação. E diante deste novo momento, em que também baixaram o número de horas do curso, face às Novas Diretrizes, o ensino de rádio neste curso se voltou para o radiojornalismo, abordado em três disciplinas de 60 horas cada, sendo uma delas, Radiojornalismo III, em EAD – Ensino a Distância.

Esta disciplina, a ser ministrada no primeiro semestre de 2018 pela primeira vez, se propõe a construir o aprendizado sobre radiojornalismo no último módulo de ensino de forma não presencial, pois acredita-se que com toda a base recebida nas disciplinas I e II de Radiojornalismo e com os recursos tecnológicos disponíveis hoje, a esta altura, o acadêmico já teria autonomia suficiente para realizar as práticas fora do laboratório da universidade, supervisionado pelo professor a distância. E como somente algumas disciplinas do curso são à distância, o aluno pode vir ao laboratório de áudio realizar suas atividades mediante agendamento e dispor de orientação sempre que necessário.

Sobre a tarefa da educação Kaplún (1992, p. 31) assegura:

La educación de adultos, sea presencial o a través de un medio, será educación en la medida en que se proponga y logre activar las potencialidades de auto y de coaprendizaje que se encuentran presentes en sus destinatarios; que estimule la gestión autónoma de los educandos en su aprender a aprender, en su propio camino hacia el conocimiento: la observación personal, la confrontación y el intercambio, la resolución de problemas, el cotejo de alternativas, la elaboración creativa, el razonamiento crítico. Así concebida, más que una educación a distancia, sería propio hablar de una autoeducación orientada.<sup>7</sup>

As disciplinas de rádio no curso de Jornalismo da Unijuí, atualmente distribuem-se de duas formas: duas - Produção de Áudio I e II - em última oferta do currículo anterior (2010), para atender aos alunos que não migraram para o novo currículo, e outras três - Radiojornalismo I, II e III - que iniciaram do currículo de 2016. As disciplinas (PPC 2010; PPC 2016), tanto nos currículos anteriores como no atual, estão voltadas para a caracterização da linguagem radiofônica e o desenvolvimento de técnicas de captação, redação, edição e apresentação da notícia, do boletim, da

---

<sup>7</sup> Tradução livre: A educação de adultos, seja presencial ou através de um meio, será educação na medida em que se proponha buscar ativar o potencial e alcançar a auto e coaprendizagem que estão presentes em seus destinatários; que estimule a gestão autônoma dos alunos na sua aprendizagem para aprender em seu próprio caminho para o conhecimento: observação pessoal, confronto e de câmbio, resolução de problemas, escolha de alternativas, desenvolvimento criativo e pensamento crítico. Assim concebida, em vez de educação a distância, seria adequado falar de auto-educação orientada.

entrevista e da reportagem radiofônica. Visam também ao debate radiofônico (técnica e prática) e para tanto, buscam explorar os conceitos de mediador e debatedor, por meio da produção e apresentação de programa radiofônico de debates. Também é realizada a produção de programas noticiosos especializados, como o documentário e estimulado o exercício da criatividade e da expressão no rádio através do radioteatro. Além disso, busca-se aprofundar a abordagem dos formatos radiojornalísticos e a exploração dos elementos da composição sonora com criatividade e inovação, bem como habilitar para a utilização desses recursos para a produção em áudio em diferentes plataformas, reforçando o perfil empreendedor e criativo do estudante.

Entre as experiências práticas realizadas pelos alunos do curso estão a produção e apresentação do programa de rádio semanal Comunicação Social Clube, desde agosto de 2001, todas as semanas pela Rádio Unijuí FM<sup>8</sup>, a emissora educativa da Universidade que entrou em funcionamento em 21 de julho de 2001. O programa já mudou de dia (sábado para domingo) e de horários; já foi ao vivo no princípio e agora é gravado, em função das mudanças administrativas da emissora, mas é um dos mais antigos da Unijuí FM e produzido integralmente pelos alunos nas aulas de rádio (Radiojornalismo I e II). Além disso, no programa são veiculados os materiais em áudio produzidos nas disciplinas, como radiojornais, entrevistas, reportagens, debates, documentários, radioteatro e pesquisas musicais.

Os alunos de Produção de Áudio e Radiojornalismo II e III também produzem e apresentam individualmente e ao vivo o Radioescuta pela Unijuí FM. O programa semanal vai ao ar durante os períodos de aula, às oito da noite e tem o formato de uma síntese noticiosa de cinco minutos, porém tentando romper com a linguagem sisuda padrão de alguns formatos radiojornalísticos do gênero, experimentando um estilo mais leve e próximo da linguagem do jovem.

Além dos programas, os alunos de rádio são estimulados a participarem de coberturas de eventos na universidade, como o Salão do Conhecimento, que enfoca as pesquisas e as atividades de extensão e a cobertura de eleições por meio de boletins direto de seus municípios de origem para a Unijuí FM ou participando ao vivo de atividades na redação e na reportagem externa, acompanhando um profissional da emissora.

---

<sup>8</sup> Para ouvir a emissora da Universidade acesse: [www.unijui.edu.br/radio](http://www.unijui.edu.br/radio)



---

As peças de rádio que se produz no âmbito das disciplinas do curso de Jornalismo também integram materiais que são disponibilizados em plataformas digitais como o projeto Plurais<sup>9</sup> e o Projeto Ambiente-se, resultado da Ênfase Multimídia, bem como disponibilizados para outras emissoras da região.

No que diz respeito à valorização da memória do rádio, os alunos utilizam como fonte de pesquisa as emissoras, os programas, os personagens e as rotinas de produção regionais para executarem suas práticas e peças radiofônicas, constituindo um acervo desse material que serve como fonte de pesquisa para outros interessados no rádio. Esse enfoque leva também a muitas produções de monografias e projetos experimentais de final de curso com enfoque no rádio, em sua maior parte voltados para a mídia regional, o que amplia e guarda a memória. Representa, ainda, uma atitude de inserção da universidade na região, a partir da pesquisa. E sobre este aspecto, a pesquisa do Projeto Fronteiras, aqui já mencionada, faz justamente no âmbito do curso, o resgate da memória do rádio regional.

Na extensão, o rádio é o centro do Projeto Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola, desde 2008. Já foram implantadas 25 rádios escolares na rede pública estadual e municipal da região, o que estimula o conhecimento dos jovens pelo veículo, bem como dá visibilidade para o curso que tem recebido alunos provenientes da participação nesse projeto.

Ancorada nos estudos de Meditsch (2001) e Ferraretto (2009) o ensino de rádio precisa ser visto dentro de uma perspectiva plural e contextualizada, que considera o mercado, a convergência tecnológica e o aspecto pedagógico. Meditsch aponta diversas razões para levar a sério o ensino de radiojornalismo e, em tempos de internet, diz que uma delas é que “o ensino da disciplina não prepara apenas para trabalhar no veículo rádio: quem sai dominando a linguagem do veículo se adapta muito mais facilmente tanto à expressão audiovisual quanto ao texto utilizado na internet” (2001, p.2). Hoje, o profissional de rádio atua nas mais diferentes plataformas e pode não só comparar as produções deste com a de outros veículos, como pode adaptar as linguagens aos novos meios que surgem. Meditsch (2001) enfoca o ensino de radio situando-o na sua relação com a internet e afirma que aposta na flexibilidade do veículo e na sua capacidade de adaptação: “o rádio não vai desaparecer nem vai ser engolido pelo novo meio - vai

---

<sup>9</sup> Conheça o Plurais em [www.plurais.org.br](http://www.plurais.org.br)

continuar existindo, convivendo com a internet, e fortalecido pelas possibilidades abertas com as novas tecnologias” (p. 3).

Compreende-se que o ensino de rádio e o que determina os conteúdos da base curricular está para além de uma proposta pedagógica de cada curso, porque existe à parte uma geografia do rádio, ou seja, um conjunto de elementos que influenciam essa escolha, dependendo de forma muito evidente do contexto das regiões em que estão inseridas as universidades e os profissionais professores de rádio que atuam nelas.

Ferraretto (2009, p. 139-140) enumera seis tipos de contextualizações que devem nortear a base do ensino de rádio: *histórica, geográfica, social, ético-jurídica, teórica e técnica*. Este autor salienta que pelas características da diversidade atual da sociedade é preciso que durante o processo de ensino-aprendizagem seja trabalhada uma visão mais contextualizada do rádio que inclui a cidadania: “Estes futuros egressos devem estar preparados para o exercício pleno, não só profissional, como cidadão. Daí a necessidade, em todas as unidades de conteúdo dos currículos, de problematizar situações nestes dois níveis” (Ferraretto, 2009, p. 144). Para Meditsch “para formar um bom jornalista multimídia, é necessário (é claro, entre outras coisas) investir no ensino do bom radiojornalismo” (2001, p. 8).

Quem trabalha com educação não escapa aos desafios da era contemporânea e provavelmente está percebendo que as mudanças vão ser mais rápidas quanto mais ágeis forem as formas de evolução das tecnologias. Entretanto, as transformações parecem empurrar os educadores (e por que não a humanidade?) para outro desafio bem maior que é a superação de problemas sociais e a adoção de uma perspectiva sistêmica de ensino, o que contemplaria, obrigatoriamente, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

De acordo com Goleman e Senge (2015), esta visão sistêmica sustenta-se num foco triplo, ou seja, no desenvolvimento de um conjunto de habilidades cujo eixo está centrado no aspecto interno, na relação com o outro e no aspecto externo, proporcionando o envolvimento interpessoal e a orientação para “um mundo no qual as ligações entre as pessoas, os objetos e o planeta são mais importantes do que nunca (p. 8).

Nesta direção precisa também olhar o ensino de rádio, dentro da visão de contextualização de que fala Ferraretto (2009) e do bom radiojornalismo, que enfatiza Meditsch (2001), pois afinal, se o rádio subsiste a todas as mudanças tecnológicas,

mantendo-se importante como um meio de comunicação e informação, cabe a nós, como professores de rádio, estar atentos àquilo que os jovens buscam aprender, monitorando e desenvolvendo esse processo de compreensão, resgatando aquilo que eles trazem de suas experiências, ouvindo sobre quais são seus interesses para construir uma relação dialógica na formação, como quer Paulo Freire (1987).

O senso comum mostra que falar no rádio parece ser algo muito fácil, afinal, a oralidade é a primeira capacidade mais estruturada de linguagem e de comunicação que desenvolvemos, portanto, nesta lógica, bastaria falar diante do microfone. Eis a questão: quando você fala, elabora de modo concreto o seu pensamento, portanto, concretiza as suas ideias e isto precisa ter e provocar sentido de acordo com a intenção ou objetivo da fala. Nem sempre isso acontece, pois se percebe de forma ascendente problemas na expressão das ideias, dificuldade de comunicar com clareza e lógica não só os pensamentos, mas no caso dos futuros profissionais de rádio, as informações. As dificuldades são básicas como ler, entender e reproduzir. Entretanto, um profissional da área de rádio não pode ser um mero reproduzidor de conteúdos ou informações, ele precisa desenvolver durante a sua formação o aspecto crítico e a reflexão.

E para tanto, é necessário, compreender os processos e não decorar as palavras ou memorizar as técnicas. O conhecimento está no nível da capacidade de cada um de explicitar com clareza o conteúdo, não importa se ele partir de uma ideia inicial ou de uma conclusão ou ainda de um exemplo desenvolvido. O conhecimento se dá a partir do momento em que somos capazes de exercer algum tipo de poder de recriar o que está posto, de explicar e interpretar segundo um paradigma que sustente aquilo que vamos defender. O argumento e o conhecimento andam de mãos dadas também no rádio.

A timidez, o emocional e o aspecto psicológico podem muito bem atrapalhar o processo de uma fala clara e lógica, mas no fundo, isto revela na verdade a falta de preparação para o enfrentamento dos temores ou medos, ligados certamente a outros aspectos conjunturais das histórias de vida de cada um. E por isso, o professor não pode agir simplesmente com um técnico, mas sim como um profissional que reconhece as armadilhas do humano.

As tecnologias mais atuais estão na sala de aula, mas nada substitui a técnica de ser literalmente humano na hora de construir o conhecimento ou ajudar a descobrir os passos do aprendizado: “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.” (Freire,

1983, p. 67). Adepta das concepções freirianas, acredito que as relações humanas e a competência dialógica do professor contribuem para transformar quadros problemáticos em situações de maior disposição para a superação. Não há receitas e nem modelos, há caminhos que podem intervir definitivamente no modo de ser profissional: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados.” (Freire, 1983, p.69)

### **Considerações finais**

Hoje se luta nas boas escolas de jornalismo pela ética e pela humanização das práticas, pela empatia e humanismo na produção e apuração das informações. Colocar-se no lugar do outro é um excelente ponto de partida para trabalhar qualquer pauta. No mesmo momento em que várias instituições estão em descrédito, também há um movimento para se resgatar a credibilidade e a qualidade do jornalismo e, portanto, por extensão, a confiança na mídia.

O rádio do interior sempre gozou do privilégio de estar próximo das instituições que representam os cidadãos, como o poder público, por exemplo, e pode fazer a ele as perguntas que os cidadãos gostariam de fazer. O rádio é uma concessão pública e, portanto, deve responder aos interesses da sociedade e não aos seus próprios interesses, porém há muito não vigora esse enfoque no rádio. Hoje, a luta das emissoras é para se manterem no mercado e serem sustentáveis e para isso precisam vender seus produtos ou veicular o vendável, como a música, por exemplo.

Frente a todas estas questões relacionadas ao contexto em que se insere o rádio, o ensino e o papel da universidade e dos educadores desta área, acredito que possa tender cada vez mais a criar as condições para que se estabeleça uma comunicação dialógica dentro da sala de aula e fora dela com o fazer radiofônico. Este ensino – que como já foi afirmado – de boa qualidade - estará atento às transformações do percurso do veículo, aos seus públicos e às diferentes contextualizações necessárias ao currículo, de modo que os profissionais que chegarem ao mercado de trabalho possam não só reproduzirem, mas recriarem e construir conhecimento sobre o rádio, numa perspectiva cidadã e humana e conectada com o seu universo local ou *expandido*.

---

## REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira. In: MEDITSCH, Eduardo (org.) **Teorias do rádio: textos e contextos**. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

BAITELLO Jr., Norval. Cultura do Ouvir. In: A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. Ensino de rádio: uma proposta pedagógica no contexto da multiplicidade da oferta. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.2, p. 129-146, jul./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLEMAN, Daniel; SENGE, Peter. **O foco triplo: uma nova abordagem para a educação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Kaplún, Mario. **A la educación por la comunicación**. Unesco-Orealc: Chile, 1992.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Ciespal: Quito, 1985.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1ªed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. José Eugenio de Oliveira Menezes In: MENEZES, José Eugênio de O; CARDOSO, Marcelo.(Organizadores). **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino de Jornalismo em tempos de internet. **Anais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação**. CDROM. Intercom: Campo Grande/São Paulo, 2001.

PPC. **Projeto Pedagógico de Curso**. Curso de Jornalismo. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, 2016.

PPC. **Projeto Pedagógico de Curso**. Curso de Jornalismo. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, 2010.

PROJETO FRONTEIRAS: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio. **Relatórios de Pesquisa**. Acervo do Projeto. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, 2010; 2012; 2015.